

OS CARBONÁRIOS



ROBERTO AGUILAR M. S. SILVA
MEMBRO DA ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS DE
MATO GROSSO DO SUL
BRASIL

Os Carbonários

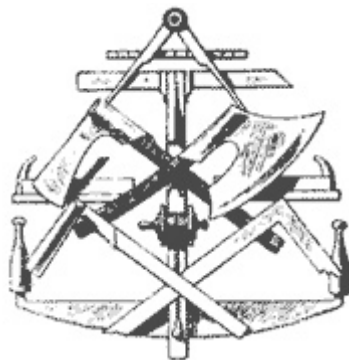
Roberto Aguilar Machado Santos Silva

Segundo Hahn (2009) a sociedade secreta dos carbonários teve um papel de significativo valor na história, pois foi agente do processo de unificação da Itália. Ainda pouco conhecida, os historiadores procuram mostrar que essa sociedade secreta descende da maçonaria, ou seja, todos os carbonários são maçons, mas nem todos os maçons são carbonários. Descendem, em específico, da chamada Maçonaria da Madeira, a qual implica a construção com emprego da matéria-prima, cujo símbolo assenta a sociedade secreta. Carbonária provém de carbono: carvão, produto vegetal, do italiano *carbonaro*, “carvoeiro”, pois os membros dessa sociedade se reuniam secretamente nas cabanas dos carvoeiros. A sociedade secreta carbonária teria surgido na região de Nápoles, durante o domínio napoleônico por volta de 1810, em oposição à opressão absolutista. A sociedade dos carbonários teve importância crucial na formação nacional da Itália, pois os seus membros atuavam no século XIX como contundentes nacionalistas, com o objetivo de derrubar uma elite aristocrática, atuando na Itália, França e Espanha. A repercussão mais significativa de suas lutas foi impor uma constituição nas Duas Sicílias. A Itália, no século XIX, estava dividida em sete estados, e a unificação política ocorria em detrimento das constantes pressões da sociedade nacionalista secreta: os carbonários.

A sociedade secreta combatia o imperialismo austríaco e a tirania no período dos grandes movimentos liberais. Os carbonários faziam parte das sociedades artesãs; eram profissionais liberais, suboficiais, entre outras funções que desempenhavam. Eles sofreram intensa repressão, em virtude das ações radicais e conspirações que tramavam. Os carbonários formavam uma sociedade consciente de sua situação política, isolada da grande massa intimidada pela pressão tirânica e violenta, a qual não entendia claramente o significado de sua luta. O processo de constituição de um Estado único para todo o país não agradava os carbonários, pois tal Estado tinha como característica forte o sistema oligárquico, no qual os grandes proprietários de

terra tinham o domínio sobre os camponeses. O grande medo de uma revolução, como nos moldes da Revolução Francesa, era impedido pelas lideranças. A idéia era excluir qualquer caminho revolucionário. A sociedade secreta dos carbonários, em geral, era formada pela média e pequena burguesia, não tendo uma ligação popular, pois a Itália era uma região com forte identificação conservadora e católica. Os carbonários tratavam-se por “primos”, sendo conhecidos, também, como “bons primos” e defendiam o lema celebrizado pela Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Entretanto, eles também combatiam os franceses, que por várias décadas espoliavam a Itália. O que melhor caracteriza essa sociedade é o fato de seus membros operarem como um exército, quando de uma campanha política, como foi o caso da unificação da Itália. Entretanto, a maçonaria reprovou a ação dos carbonários, por estes terem optado por uma via mais radical, francamente política, afastando-se da via espiritual, pois os carbonários combatiam a intolerância religiosa e o absolutismo. Essa sociedade secreta queria unificar a Itália, por meio de uma revolução espontânea da classe trabalhadora, comandada por universitários, com o objetivo de implantar ideais liberais.

O Estado Italiano, no século XIX, poderia ser considerado frágil, pois o sentimento nacional era estranho à grande massa das diferentes regiões que constituíam o país. Nesse contexto, os carbonários tiveram uma posição política acentuada, ficando conhecidos como revolucionários radicais-democráticos do sul da Itália, ao tencionarem reforçar um novo sentimento nacional. Esse sentimento não era apenas um produto da tradição, mas deveria ser entendido como resultante de condições sociais favoráveis, para que aparecesse a consciência nacional, embora seja preciso ter claro que, no caso da Itália, o Estado se constituiu antes da nação, e o impacto da ação estatal foi opressora. A unificação da Itália ocorreu se aproveitando da onda liberal que varreu a Europa, com levantes em várias regiões italianas dominadas pelos Habsburgos austríacos – em especial Milão e Veneza – e pela França de Luís de Napoleão, com forte influência no Reino das Duas Sicílias, governado por um monarca Bourbon. A repressão com violência sufocou, por algum tempo, as revoluções, mas as pressões da sociedade secreta dos carbonários ajudou a consolidar a unificação italiana, realizada, posteriormente, pela diplomacia e pela guerra sob o comando do Reino Sardo-Piemontês, entre 1860 e 1870.



Fatores da unificação italiana

Os fatores da unificação italiana, segundo Claseshistoria (2009), foram os seguintes:

- **Ideológicos**

Durante a primeira metade do século XIX o movimento romântico foi determinante no desenvolvimento do nacionalismo italiano. Destacados escritores como Manzoni e Leopardi, filósofos como Gioberti ou músicos como Verdi e Rossini, preconizam em suas obras a existência de uma pátria italiana unida frente as ingerências das potências estrangeiras, especialmente a Áustria.



Alessandro
Manzoni

Se abre caminho a idéia do “Risorgimento”, quer dizer, o “ressurgimento” de uma Itália unida, como havia sido durante a gloriosa antiguidade romana. Defendia uma identidade cultural e sentimentos especificamente italianos.

- **Políticos**

Até a primeira metade do século, os intentos de unificação foram débeis, limitando-se a ações mais encaminhadas a derrotar as monarquias absolutistas por parte de membros de sociedades secretas como a dos carbonários, do que uma ação coordenada e unificadora.

As concepções dos nacionalistas italianos podem concretizar-se em três modelos:

Os neogüelfos¹



Representado por Gioberti (1801-1852), sacerdote liberal que defendia que a unidade italiana haveria de conseguir-se em torno da figura do Papa, inspirando-se em uma confederação de estados italianos. A chegada ao pontificado de Pío

¹ Os neogüelfos eram uma corrente moderada burguesa. O líder era Gioberti.

Pío IX IX, alimentou as esperanças de muitos católicos, porém posteriormente, dito papa abandonou sua política inicial liberal e se revelou como um profundo antiliberal e antinacionalista.

O republicano

Sua máxima figura foi Mazzini (1805-1872). Genovês, defendia uma Itália unida organizada como república. Antigo carbonário fundou a sociedade nacionalista secreta “Jovem Itália” que dispunha de células repartidas por todo o território italiano. Presidiu a breve República Romana criada nos territórios dos Estados Pontifícios como consequência da revolução de 1848.



Mazzini

Dois anos mais tarde, a república seria dissolvida pela intervenção das tropas francesas que repuseram o papa Pío IX como governante de seus antigos estados. Este modelo representou a tendência mais radical e progressista das tantas que existiram.

O monárquico

Representou o exemplo mais influente de todos. Seu protagonista mais qualificado foi o conde de Cavour, partidário da unificação em torno da monarquia constitucional do Reino de Piemonte-Sardenha, que a partir de 1849 contaria com a inestimável figura do rei Victor Manuel II, da casa de *Saboya*.

Seria este modelo unitário o que se imporá, dando como resultado a entronização do rei do Piemonte como primeiro rei da Itália.

Econômicos

Entre os fatores econômicos que propiciaram a unificação italiana, destaca o importante papel desempenhado pelos industriais e comerciantes do rico norte, quem, desde uma perspectiva econômica, alentaram e apoiaram o processo. Pretendiam, desde um ponto de vista moderado, conseguir a criação de um mercado unificado, dotado de eficientes comunicações e uma boa infraestrutura viária que daria saída a produção industrial. A fragmentação política e territorial da Itália representava um sério obstáculo para o comércio, pelo que era preciso eliminar as barreiras aduaneiras que impediam a exportação de mercadorias desde o norte ao sul da península. Esse sul, por sua parte profundamente desindustrializado, foi considerado pelos industriais piemonteses como um interessante mercado onde vender seus artigos.

Giuseppe Garibaldi



Giuseppe Garibaldi (Nice, 4 de julho de 1807 — Caprera, 2 de junho de 1882) foi um guerrilheiro italiano, alcunhado de "herói de dois mundos" devido a sua participação em conflitos na Europa e na América do Sul. Uma das mais notáveis figuras da unificação italiana, ao lado de Giuseppe Mazzini e do Conde de Cavour, Garibaldi dedicou sua vida à luta contra a tirania. Nasceu em *Nizza* (hoje Nice, na França), então ocupada pelo Império Francês e que retornaria ao reino de Sardenha-Piemonte, com a queda de Napoleão Bonaparte, para ser em seguida cedida à França por Cavour^[2].

De marinheiro a exilado

Filho de Rosa Raimondo e de Domenico Antonio, proprietário da embarcação *Santa Reparata* de 29 toneladas, Giuseppe Garibaldi passou dez anos de sua vida a bordo de navios mercantes, seguindo os passos do pai, um marinheiro genovês, e com o tempo chegou a obter licença de capitão. Mas seus desejos de aventura não permitiram que seguisse essa carreira.

Seduzido pelas idéias socialistas de Henri Saint-Simon, entrou em contato com a sociedade secreta Jovem Itália, fundada por Giuseppe Mazzini. Mazzini era republicano e ardoroso defensor da unidade italiana, que esperava alcançar por meio de um levante popular.

Garibaldi abandonou o mar para participar desta luta. Tomou parte da insurreição de Gênova, que fracassou. Condenado à morte, refugiou-se em Marselha e, em 1835, fugiu para o Rio de Janeiro. Com 28 anos iniciava seu primeiro exílio.

Brasil

No Brasil, aproximou-se dos republicanos que haviam proclamado a República Rio-grandense (11 de setembro de 1835), no Rio Grande do Sul e tornou-se uma figura importante na Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, na qual os republicanos do sul combateram o Império do Brasil. Ao lado do general Davi Canabarro, tomou o porto de Laguna, em Santa Catarina, onde foi proclamada a República Catarinense (República Juliana). A marinha da jovem República Riograndense estava bloqueada na lagoa dos Patos, pois as forças imperiais dominavam a cidade de Rio Grande, na saída da lagoa para o mar. Para levar as forças republicanas até a cidade de Laguna, Garibaldi levou seus dois barcos através de um trecho de 86 quilômetros de terra, utilizando enormes carretas puxadas por duzentos bois. Em Laguna, Garibaldi conheceu Ana Maria de Jesus Ribeiro, conhecida depois como Anita Garibaldi, com quem se casaria e que se tornaria sua companheira de lutas na América do Sul e depois na Itália. Quando, após quase uma década de luta, ficou evidente que a República Rio-grandense estava condenada a desaparecer, o presidente Bento Gonçalves da Silva dispensou Garibaldi de suas funções, e ele então mudou-se para Montevidéu, no Uruguai, com Anita e seu filho Menotti, nascido em Mostardas, no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul.

“Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações.

”

Quantas vezes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente,

—
Garibaldi¹

que sustentou, por mais de nove anos contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!”

Uruguai

No Uruguai, em 1842, na Guerra Grande, foi nomeado capitão da frota uruguaia em sua luta contra o governador de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas. No ano seguinte, durante a defesa de Montevideu, organizou a Legião Italiana, cujos membros foram os primeiros “camisas vermelhas”. A Legião foi essencial para evitar a tomada de Montevideu pelas tropas do presidente uruguaio Manuel Oribe. No Uruguai nasceram os outros filhos do casal: Rosa, Teresa e Ricciotti. Rosa faleceu aos dois anos de idade por asfixia, por causa de uma infecção na garganta.

Retorno à Itália

Garibaldi regressou à Itália em 1848 para lutar na Lombardia contra o exército austríaco e iniciar a luta pela unificação italiana. Sua tentativa de expulsar os austríacos fracassou e teve que refugiar-se primeiro na Suíça e depois em Nice, atualmente na França.

Ao final de 1848, o papa Pio IX, temendo as forças liberais, abandonou Roma, para onde foi Garibaldi junto com um grupo de voluntários. Em fevereiro de 1849 foi eleito deputado republicano na assembléia constituinte da recém-proclamada República Romana. Em abril, enfrentou um exército francês que tentava restabelecer a autoridade papal. Em maio, um exército napolitano juntou-se aos franceses.

A fuga de Roma e a morte de Anita

Ainda que não tivesse opção alguma para evitar a queda de Roma, sua luta se converteu em uma das mais épicas passagens do Risorgimento. Em 1º de julho Roma finalmente caiu. Quando a assembléia da República Romana decretou o fim da luta frente aos franceses, Garibaldi recusou o salvo-conduto que foi oferecido a ele e a sua família pelo embaixador americano, e preferiu continuar a luta:

“ A sorte, que hoje nos traiu, sorrirá para nós amanhã. Estou saindo de Roma. Aqueles que quiserem continuar a guerra contra o estrangeiro, venham comigo. Não ofereço pagamento, quartel ou comida. Ofereço somente fome, sede, marchas forçadas, batalhas e morte. Os que amam este país com seu coração, e não com seus lábios apenas, sigam-me. ”

Garibaldi

Seguiram-lhe 3.900 soldados (800 deles a cavalo). À sua caça, três exércitos (franceses, espanhóis e napolitanos) com 40 mil soldados. Ao norte lhe

esperava o exército austríaco com quinze mil soldados. Na fuga, sua esposa Anita Garibaldi, conhecida com a "Heróina dos Dois Mundos", faleceu em 4 de agosto de 1849, em Mandriole, na Itália. Anita está enterrada no Janículo em Roma, onde há um monumento em sua homenagem.



Garibaldi e Anita, ferida,
fogem de San Marino,
1849 (quadro de anônimo,
século XIX)

O segundo exílio

Condenado pela segunda vez ao exílio, em 1849, residiu em Tânger, Staten Island (Nova Iorque) e Peru, onde exerceu outra vez seu ofício de capitão de navio mercante.

A segunda Guerra da Independência

Garibaldi voltou à Itália em 1854. Em 1859, participou da Segunda Guerra de Independência. Cavour, primeiro-ministro sardo-piemontês, o nomeou comandante das forças sardo-piemontesas em luta contra os austríacos na Lombardia. Venceu, com seu regimento de 3.000 homens conhecido como os Caçadores dos Alpes (*Cacciatori delle Alpi*), em Varese e em Como, ambas em maio de 1859, e entrou em Bréscia no mês seguinte, com o que a Lombardia foi anexada ao Reino da Sardenha.

A conquista da Sicília Expedição dos Mil

A **Expedição dos Mil** (*Spedizione dei Mille*) é um célebre episódio do Risorgimento italiano, ocorrido em 1860, quando um corpo de voluntários, sob o comando de Giuseppe Garibaldi, desembarcou na Sicília ocidental, e conquistou o Reino das Duas Sicílias, então pertencente à casa real dos Bourbons.



Giuseppe Garibaldi

Antecedentes

A partir do famoso "Encontro de Plombières", com Napoleão III, em 21 e 22 de julho de 1858 e, sobretudo com a assinatura do tratado de aliança defensiva entre a França e o Reino da Sardenha, de 26 de Janeiro de 1859, o Primeiro-Ministro Conde de Cavour iniciou os preparativos para a independência do norte da Itália e inevitável declaração de guerra à Áustria.

A 24 de Abril de 1859 Cavour conseguiu êxito na sua declaração de guerra à Áustria, com início das hostilidades a 27 de Abril. A Segunda Guerra de Independência Italiana terminou em julho: foi celebrado o "*Armistício de Villafranca*", reconhecendo ao Reino da Sardenha a Lombardia (com a exclusão de Mântua), mas não o Vêneto.

Já em março deste mesmo ano a população do Grão-Ducado da Toscana pertencente à *Legazioni* (Bolonha e Romagna), do Ducado de Módena e do Ducado de Parma depunham seus próprios governantes e reclamavam a

anexação ao Reino da Sardenha, enquanto as populações da Úmbria e de Marche sofriam a dura repressão do governo pontifício.

Napoleão III e Cavour estavam reciprocamente em débito: o primeiro, porque havia libertado Veneza do domínio austríaco; o segundo, porque havia libertado a Itália central. O impasse veio a ser resolvido em 24 de Março de 1860, quando Cavour subscreveu o Tratado de Turim, cedendo a Savóia e Nice à França e obtendo, em troca, o consenso do imperador francês da anexação da Toscana e da Emilia-Romagna ao Reino da Sardenha. Como então dissera Cavour ao emissário francês, os dois haviam se tornado "cúmplices".

Objetivos e vínculos à posterior unificação do Estado Italiano

Em Março de 1860 restavam, portanto, na Itália, apenas três estados:

- o Reino da Sardenha, composto pela Sardenha, Piemonte, Vale de Aosta, Ligúria, Lombardia, Emília-Romanha e Toscana;
- os Estados Pontifícios, pertencentes à Igreja, com a Úmbria, Marche e Lazio com a "intocável" Roma; e
- o Reino de Nápoles, com Abruzzo, Molise, Campânia, Basilicata, Puglia, Calábria e a Sicília, esta última sempre rebelde ao governo napolitano.

Aliada ao imperador austríaco Francisco José, a Sicília era considerada um dos potentados italianos, junto ao Vêneto, ao Trentino e à Província Autônoma de Bolzano (Alto Ádige), e também o Friuli-Veneza Giulia, a Dalmácia e Mântua. Não se desconsidera a França, que assumia o papel ambíguo de potência protetora de Roma e principal aliada do Reino da Sardenha: uma ambigüidade que permitiu a Napoleão III manter uma decisiva influência sobre os assuntos italianos, que durou até o último momento da existência do seu império, em 1870 (batalha de Sedan).

Napoleão III, então, impedia ao Reino da Sardenha tanto uma ação contra a Áustria (ao que negava seu apoio), quanto uma ação contra Roma (com sua explícita oposição). Restava a este apenas um objetivo possível: o Reino das Duas Sicílias.

As fraquezas do Reino das Duas Sicílias

O Reino das Duas Sicílias apresentava ao menos cinco fraquezas fundamentais:

1. Um monarca jovem e inexperiente (Francisco II), sucessor de seu pai (Fernando II) a 22 de Maio de 1859, menos de um ano no cargo;
2. Situação interna instável, assinalada por um regime político antiquado, a constante rivalidade siciliana, e oposição liberal ao governo;
3. Estável hostilidade por parte da opinião pública liberal da Europa, por conta da repressão ali ocorrida em 1799, quando da República Partenopéia;

4. Uma excessiva proximidade política com o Império Austríaco, o grande derrotado em 1859, e perda da relação com a grande vencedora de 1858, a França;
5. Relações decisivamente ruins com o Reino da Sardenha.

Particular importância teve, no outono-inverno de 1859, a ação rude de Francisco II, em acordo com Francisco José I da Áustria, em apoio à reivindicação do Papa Pio IX feita ao Grão-Duque da Toscana, ao Duque Francisco V de Módena e a Roberto de Parma no sentido de reintegrar-se na posse de seus territórios da Itália central. A iniciativa batia de frente contra os interesses vitais de Turim (por razões evidentes) e de Paris (na medida em que Napoleão III, para justificar a guerra à Áustria para a opinião pública francesa, devia anexar ao menos a Savóia).

Somente um imprecavido poderia imaginar que a Áustria iria empreender uma guerra menos de um ano depois da Batalha de Solferino: o Reino da Sardenha havia multiplicado o tamanho do próprio exército, passando de cinco a catorze divisões e Napoleão III nunca havia concordado na perda de sua determinante influência política na Itália que, entre os soberanos franceses, somente haviam gozado antes Napoleão Bonaparte, Carlos Magno e, um pouco, por Francisco I.

Um soberano mais experiente, ou com conselheiros menos reacionários, teria evitado um erro semelhante, mas, naquele momento, não era a situação do Reino das Duas Sicílias. E Francisco II, seu soberano, podia contar somente com as próprias forças.

À procura de um motivo bélico

Ao Reino da Sardenha, assim, faltava um motivo beligerante justificável para atacar o Reino das Duas Sicílias. Cavour procurava agir sempre com o argumento de restauração da ordem.

A única chance era provocar uma sublevação interna, que provasse o descontentamento da população contra o regime absolutista do governo napolitano. Que demonstrasse, sobretudo, a incapacidade de Francisco II em garantir, de forma aceitável, a ordem pública em seus próprios domínios.

A situação no Reino das Duas Sicílias

A oposição interna existente no Reino era muito ativa: em apenas sessenta anos os Bourbons haviam esmagado a República Partenopéia de 1799, as Revoluções Sicilianas de 1821 e de 1848 e o movimento constitucionalista napolitano de 1848.

Por bem duas vezes os Bourbons foram reconduzidos ao trono por força de invasão militar austríaca que derrotara exércitos inteiramente napolitanos: em 1815 o austríaco Frederico Bianchi (de pai comasco) derrotara Joaquim Murat

na batalha de Tolentino e em 1821 o austríaco Frimont derrotou a Guglielmo Pepe, nas batalhas de Rieti e de Antrudoco.

Em 1860, todavia, a situação apresentava-se bem pouco favorável aos Bourbons: desde 1821 o exército foi depurado dos elementos liberais, estava repleto de mercenários austríacos, suíços e bávaros, e por conta disso era alvo de constante atenção econômica por parte do rei. Este complexo exército aparentava seguramente fidelidade à casa reinante. Os liberais napolitanos, entretanto, não possuíam forças suficientes para impor uma constituição, mesmo depois da vitória na batalha de Solferino. Eles eram, entretanto, bastante numerosos na marinha napolitana que, de fato, não demonstrou grande fervor de combate durante toda a campanha contra Garibaldi.

A ocasião oportuna: a revolta siciliana

A única das muitas forças opositoras aos Bourbons que demonstrava vontade de pegar em armas, naquele ano de 1860, era a *fronda siciliana*.

Eles traziam viva a memória da longa Revolução Siciliana de 1848. A repressão borbônica havia sido particularmente dura e nulas as tentativas do despótico governo napolitano de voltar a uma acomodação política. Muitos dos quadros dirigentes da revolução (Rosalino Pilo, Francesco Crispi, etc.), além disso, estavam expatriados em Turim, haviam participado com entusiasmo da Segunda Guerra de Independência Italiana e haviam amadurecido uma atitude política decisivamente liberal e unificadora (unitária).

Um fator mais importante ainda havia: a insatisfação não era limitada à classe dirigente, mas crescia largamente na população urbana e, por fim, no meio rural. Um elemento quase que único no curso de todo o Risorgimento que grande diferença na Sicília. Prova indubitável disto foi o grande número de voluntários que se agregaram aos garibaldinos, de Marsala até Messina, em especial na batalha de Voltorno.

A 4 de abril se acende mais uma chama, quando a tentativa em Palermo de Francisco Riso, prontamente reprimida, deu início a uma série de manifestações e insurreições, tendo como desfecho a famosa marcha a Messina, entre 10 e 20 de abril de 1860, por Rosalino Pilo. A quem encontrava pelo caminho, anunciava prontamente: "Garibaldi virá!"

A 2 de março, um mês antes, Mazzini escrevera uma carta aos sicilianos e declarara: "Garibaldi está vinculado ao que ocorrer".

Quando a notícia da sublevação foi confirmada no continente, Garibaldi julgou ser aquele o momento propício para agir.

Um exército de voluntários

Garibaldi, legionário da brilhante campanha da Lombardia com os Caçadores dos Alpes, havia demonstrado a própria capacidade de chefe militar, com um

ligeiro exército de voluntários e contra um exército regular. A Itália era plena de voluntários, desejosos por unir-se aos veteranos dos "Caçadores" e por combater ao seu lado: o recrutamento da tropa não seria um obstáculo.

O armamento e os uniformes, se não obtidos junto aos Caçadores dos Alpes, seriam obtidos junto ao exército sardo. O financiamento, também. Em todo caso, sua origem poderia recorrer-se à campanha da "Subscrição nacional por um milhão de rifles", iniciada ainda a 18 de dezembro de 1859.

Garibaldi era, porém, de fé republicana mas, já se havia passado 12 anos desde que concordara em colaborar com a Casa de Savóia. Porém, os tempos eram tais que até mesmo Mazzini podia escrever que: "não se trata mais de república ou monarquia: se trata da unidade nacional" - "de ser ou não ser".

Para Cavour, Garibaldi era potencial fonte de grande preocupação: somente ao fim de 1859 ele havia retornado à Romanha, no intento de invadir o Marche e a Úmbria onde as tropas pontifícias haviam terminado uma feroz repressão. E porque o governo sardo estava àquele tempo impedido de agir (sem o consentimento de Napoleão III) e com sérias dificuldades (como a Jornada do Aspromonte demonstrou, dois anos mais tarde), seria uma segurança a mais caso ele se empenhasse numa missão aparentemente impossível. Garibaldi, por último, gozava de uma ilimitada estima da opinião pública italiana e da liberal, no mundo.

Numa conversa, Cavour havia julgado justo que fosse enviado Garibaldi a tentar a famosa sublevação do interior, que transtornasse o Reino de Nápoles e reduzisse Francisco II a ações moderadas, ou "constrangesse" o Reino da Sardenha a garantir a ordem pública: a realidade mostrou superar todas as previsões.

Os últimos acertos entre Cavour e o rei Vítor Emanuel II foram feitos num encontro em Bolonha, a 2 de maio. No dia 22 de abril Cavour havia ido a Gênova, para inteirar-se pessoalmente da situação.

A viagem de transferência

Naquele tempo a organização da força de expedição estava em pleno desenvolvimento: juntava-se em Gênova fundos e voluntários. Muitos outros se preparavam.

Em 4 de maio de 1860 foi acertada em Torino, pelo notário Joaquim Vincenzo Baldioli, contratado por Garibaldi, representante de Giacomo Médici, a compra do armador *Rubbatino* e dois vapores (*Piemonte* e *Lombardo*). Para o pagamento havia sido contratado um empréstimo, secretamente garantido pelo Reino da Sardenha.

Na tarde de 5 de maio a expedição embarcava na praia rochosa do Distrito dos Mil (que até então chamava-se *Distrito do Mar - Quarto al Mare* - atualmente distrito genovês, rebatizado em homenagem aos patriotas).

Os cerca de 1089 voluntários estavam armados de velhos fuzis e privados de munição e pólvora para disparo. Este último item vieram a comprar (junto com três armas velhas e cem carabinas boas) a 7 de maio perto da guarnição do Exército do Reino da Sardenha, estacionado no forte de Talamone. Uma segunda compra foi efetuada em 9 de maio no Porto Santo Estêvão, desta feita em cargas de carvão.

Formalmente Garibaldi obteve uma e outra porque fazia-se passar como o mais alto general do Exército Real. Mas é evidente que sequer poderia haver partido sem o consentimento do Conde de Cavour. Um episódio, nesta questão, é revelador: em Talamone, bem debaixo dos olhos da guarnição, destacou 64 voluntários para preparar uma ação contra a Úmbria e Marche. Em poucos dias ele foi interceptado pelo Exército Real e reembarcou para a Sicília: o Papa Pio IX não devia ser nunca provocado e Garibaldi devia ser sempre bem controlado.

Na manhã de 11 de maio os dois vapores passavam entre Favignana e Marettimo e, informados da temporária ausência da marinha borbônica, rumaram para o porto de Marsala.

As operações na Sicília

Os navios ancoraram em Marsala a 11 de maio. Duas naves de guerra borbônicas, que ali estavam, tardaram a bombardear os invasores, talvez inseguras acerca das intenções de dois navios britânicos presentes no porto.

A 14 de maio, em Salemi, Garibaldi declara assumir a ditadura da Sicília, em nome de Vítor Emanuel II.

Os Mil venceram, embora com bastante trabalho, um primeiro recontro na Batalha de Calatafimi a 15 de maio, contra cerca de 2 mil soldados borbônicos. Naquele momento os Mil somavam cerca de 1200 com as adesões da população local.

Ajudado por uma insurreição popular em Palermo, entre 27 e 30 de maio, Garibaldi conquista a cidade.

A 20 de julho as tropas borbônicas foram derrotadas na Batalha de Milazzo. Nos dias seguintes Giacomo Mé dici obtém do general borbônico Clay a neutralização da fortíssima cidadela de Messina e do seu numeroso exército com, ainda por cima, a conquista da cidade.

As operações continentais

Com a neutralização de Messina, Garibaldi iniciou os preparativos para a passagem ao continente. O Conde de Cavour exercia fortíssima pressão para proceder imediatamente um plebiscito na Sicília, preocupado que a benévola neutralidade da França e da Inglaterra pudesse ser revertida, impedindo a

conquista completa. Mais agressivo demonstrava-se, seguramente, Vítor Emanuel II, que encorajava o general no passo decisivo.

A 19 de agosto Garibaldi desembarcou em Melito di Porto Salvo, na Calábria. Dispunha, então, de cerca de vinte mil voluntários. Na Calábria os borbônicos não souberam oferecer uma resistência digna: enquanto divisões inteiras do seu exército se dispersavam, outras aderiam ao inimigo. A 30 de agosto, o exército dos Bourbons, comandado pelo general Ghio, foi desarmado em Soveria Mannelli.

O rei Francisco II abandonou Nápoles, indo rapidamente para junto de seu exército, postado entre as fortalezas de Gaeta e de Capua, com o centro no rio Volturno, razão pela qual pôde Garibaldi, em 17 de setembro, praticamente sem escolta, entrar na cidade. Foi recebido como libertador. As tropas borbônicas, ainda presentes em abundância nos quartéis e nos palácios, não ofereceram qualquer resistência, e renderam-se imediatamente.

Em seguida ocorreu a decisiva Batalha do Volturno, onde Garibaldi rechaçou um grande avanço do exército inimigo (cerca de 50 mil soldados). A batalha terminou em 1 de outubro (alguns autores dizem que isso deu-se no dia seguinte).

No dia imediatamente após a batalha, veio o corpo da expedição sarda, depois de atravessar o Marche e a Úmbria (onde tinha derrotado o exército pontifício na Batalha de Castelfidardo), e Abruzzo e Molise (dos borbônicos).

Logo depois de 21 de outubro, foi feito um referendo pela anexação do Reino das Duas Sicílias ao Reino da Sardenha, obtendo frágil resultado a favor desta proposta (forçoso registrar-se que, naqueles tempos, os referendos eram chamados de plebiscito e haviam sempre seus resultados descontados).

A Expedição dos Mil pode ser considerada terminada com o encontro de Teano entre o rei Vítor Emanuel II e Garibaldi, a 26 de outubro de 1860.

A 6 de novembro Garibaldi desfilou com 14 mil homens, 39 peças de artilharia e 300 cavaleiros, diante do Palácio de Caserta. Insistiram para que o rei Vítor Emanuel os passasse em revista, em vão. No dia seguinte, 7 de novembro, o Rei fazia seu ingresso em Nápoles. Garibaldi, em vez disso, retirou-se para a ilha de Caprera, dando azo para sua (não-imediata) fama de *moderno Cincinnato*.

Antes disso, entre 4 e 5 de novembro foram realizados, com resultados favoráveis, os plebiscitos pela anexação de Marche e da Úmbria.

A *Expedição dos Mil* é uma passagem obrigatória para a compreensão do estado unitário italiano, e muitos acreditam que tenha tido clara influência sobre fenômenos como o Brigantaggio (banditismo, similar ao cangaço do Nordeste brasileiro), e o desequilíbrio norte-sul da conhecida "*Questão meridional*" (onde, antes da unificação, o sul era pólo econômico mais desenvolvido da península, sendo posteriormente transferido para o norte, com o empobrecimento daquele). Outros sustentam que a Expedição dos Mil é narrada de modo "hagiográfico", pela historiografia tradicional. Particularmente, à parte a *damnatio memoriae* que coube aos *brigantaggio*, para cujo combate chegaram a ser mobilizados até 140 mil soldados do Novo Reino da Itália (ref.: Villari): na iconografia tradicional, a figura de Giuseppe Garibaldi assume facilmente a figura de herói que combate e vence um exército muito mais numeroso, enquanto os *briganti* que se lhe seguiram lutaram contra um exército piemontês muito maior e mais organizado o valor é invertido. Em resumo, o mito sobre a figura de Garibaldi teria sido útil à nova ordem do poder.

A principal linha de ataque é ocupada pelo papel dos garibaldinos, como suporte das estruturas sociais, emblematicamente representada pelo baronato.

A maior parte dos latifundiários do Sul não opôs qualquer resistência ativa à empresa dos Mil, uma vez verificado que a estrutura existente da propriedade da terra não seria alterada. Isto foi sintetizado na famosa frase do romance *Il gattopardo*: "*Tudo deve ser mudado para não se mudar nada*". Muitos agricultores sicilianos se uniram, ao invés, à expedição, contando com uma distribuição de terras devolutas para aqueles que nelas trabalhavam. A trágica consequência viram quando o general Nino Bixio emitiu a ordem de reprimir com a morte às pretensões dos agricultores, com o exemplo particular da *Repressão de Bronte*, de 4 de agosto de 1860. A frustração na redistribuição das terras constituem-se numa das razões fundamentais que baseiam o chamado brigantaggio.

À traição dos nobres veio somar-se a traição dos oficiais. Não é patente o entrelaçamento entre Cavour, os ingleses e o exército bourbônico, mas é certo que os exércitos em terra seguiram fielmente seu próprio soberano até a última batalha.

Uma questão muito debatida no século XIX concernia às vantagens que o estado sardo, com suas finanças arruinadas após numerosas campanhas militares, havia herdado o "florecimento econômico" do Reino das Duas Sicílias: a tese era, então, que a conquista deste fora economicamente providencial. Seus partidários citam, como símbolo de seu acerto, o caso da primeira ferrovia da Itália: a que ligava Nápoles a Portici.

Depois da Expedição

A 17 de março de 1861 Vítor Emanuel foi proclamado o primeiro Rei da Itália (convencionalmente, porém, continuou a usar-se a notação "*Vítor Emanuel II*", apesar de, como acentua Mack Smith, tratar-se efetivamente do primeiro rei do

novo Estado italiano). Na realidade, a notação remete ao fato de que não se tratava realmente dum novo Estado, mas do velho Reino da Sardenha que mudou seu nome para Reino da Itália permanecendo essencialmente o mesmo (apenas com um maior território).

"Feita a Itália, necessário fazer os italianos" - (*Fatta l'Italia, bisogna fare gli Italiani*) um gracejo - atribuído muitas vezes a Massimo D'Azeglio, mas para alguns também a Ferdinando Martini - foi inspirada na política que se seguiu à Expedição dos Mil.

Enquanto parte dos oficiais do exército do Reino das Duas Sicílias foram encarcerados na fortaleza de Fenestrelle, permanecendo fiéis à sua pátria e ao juramento de fidelidade ao seu Soberano, outros entraram para o neo-nato Reino da Itália com as mesmas patentes que ostentavam antes. Para os oficiais de Garibaldi, entretanto, a graduação foi reconhecida em pouquíssimos casos (refer. Bianciardi). Dentre estes poucos estava o general Nino Bixio, que havia sido designado para combater as desordens rurais.

Na prática, muitos eram os descontentes com a chamada "unidade italiana": os primeiros eram os Bourbons, que de um dia para o outro viram desaparecer o seu reino e lutaram para recuperá-lo. Os segundos foram os agricultores e o povo pobre da Itália meridional, que acreditaram que com Garibaldi poderiam melhorar as condições de vida, tiveram ao contrário de enfrentar um aumento de impostos e a conscrição, o que causava a diminuição dos braços de trabalho no sustento das famílias.

Decepcionados também ficaram muitos liberais, que haviam depositado suas ambições numa Itália unida, mas viram-se diante de uma situação política inalterada substancialmente, enquanto o desenvolvimento que existia no período borbônico subitamente foi interrompido.

O resultado desse estado de coisas evoluiu facilmente para o Brigantaggio, que foi ferozmente reprimido pelo exército do novo Reino da Itália no primeiro decênio que se seguiu à unificação.

Também o clero restou descontente, tanto pela perda da Úmbria e Marche, quanto pela expropriação freqüente dos bens eclesiásticos.

A decepção reinante daqueles que esperavam que a unificação mudasse os destinos do sul é bem retratado no romance de Anna Banti, intitulado "*Noi credevamo*".

Também no romance *I Malavoglia* ("A Relutância"), de Giovanni Verga fica patente o desencanto, seguida por ardente desilusão, da população diante duma Itália unida, narrada através da história da conscrição do jovem 'Ntoni, a morte do jovem Alessi na batalha de Lissa, e a imposição das novas taxas.

O retiro do herói

Em 1866, Garibaldi voltou à luta, para libertar Veneza, ainda sob domínio austríaco.



O telegrama de Garibaldi: "Obedeço"

No início da terceira guerra de independência foi reorganizado o corpo voluntário denominado Corpo Voluntário Italiano, também desta vez sob comando de Garibaldi, a missão era similar àquela conduzida entre os lagos lombardos em 1848 e 1859: agir em uma zona de operações secundária, os pré-Alpes entre Bréscia e o Trentino, a oeste do Lago de Garda, com o importante objetivo estratégico de cortar a via entre o Tirol e a fortaleza austríaca de Verona. Isto teria deixado aos austríacos a única via do Tarvisio para as próprias forças e entre Mântua e Údine. A ação estratégica principal era, em vez disso, dada aos grandes exércitos da planície, confiados a La Marmora e a Cialdini.

Garibaldi operou inicialmente em cobertura de Bréscia, para depois passar decisivamente à ofensiva a Ponte Caffaro em 25 de junho, em 3 de julho em Monte Suello obrigou os austríacos à retirada, mas teve uma ferida na coxa por um golpe errôneo de um de seus voluntários. Abriu-se, com a vitória na batalha de Bezzecca e Cimego em 21 de julho, a estrada a Riva del Garda e assim a iminente ocupação da cidade de Trento. Porém a assinatura do armistício de Cormons fez Garibaldi parar. Nessa ocasião, recebeu a notícia do armistício e a ordem de abandonar o território já ocupado. Respondeu telegraficamente "*Obbedisco*" ("Obedeço"), palavra que sucessivamente tornou *motto* do Risorgimento italiano e símbolo da disciplina e dedicação de Garibaldi. O Trentino só se tornaria território italiano após a Primeira Guerra Mundial, mais de sessenta anos depois.

Nova tentativa de tomar Roma

Em 1869, realizou novo ataque aos Estados Pontifícios, na tentativa de livrá-los do domínio do Papa. Em 3 de novembro suas tropas encontram-se com as de Napoleão III que veio em defesa do Papa. A invasão fracassou e 1600 de seus voluntários foram presos.

Em defesa da França

Em 1870 lutou em sua última campanha. Embora os franceses fossem seus inimigos no passado, lutou ao lado deles na guerra Franco-prussiana, (1870-1871). Conduziu um exército de voluntários em apoio ao exército da nova França republicana (batalha de Digione). Após a derrota francesa no conflito, em 1871 Garibaldi foi eleito deputado à nova Assembléia Nacional Francesa na lista dos republicanos radicais, como deputado da Côte-d'Or, Paris, Argel e, naturalmente, sua cidade natal Nice: esta quádrupla eleição foi, porém, invalidada pela Assembléia.

Oficialmente o motivo foi sua posição contrária aos interesses franceses ao opor-se à anexação de Nice, realisticamente foi por medo da popularidade do herói "socialista": a mesma assembleia, por outro lado, estaria logo ocupada da repressão à Comuna de Paris. A oposição da Assembléia contra Garibaldi levou à demissão outro deputado ilustre: Victor Hugo.

Morte

Em 2 de junho de 1882, aos 74 anos, Giuseppe Garibaldi morreu em sua casinha na ilha de Caprera. Embora tenha deixado instruções detalhadas para sua cremação, seu corpo foi enterrado na ilha de Caprera.

Legado

A vida de Garibaldi, dedicada à luta pela libertação de seu país do domínio estrangeiro, levou seu nome ao reconhecimento na Itália e no mundo. Cinco navios da marinha italiana receberam seu nome, entre eles um cruzador na Segunda Guerra Mundial e o porta-aviões Giuseppe Garibaldi. Estátuas com sua figura existem em muitas praças na Itália e em outros países ao redor do mundo. Na Itália seu nome foi dado a praças e ruas em mais de 5000 comunas. No Brasil, o município de Garibaldi tem esse nome em homenagem ao herói italiano.

Giuseppe Mazzini



Giuseppe Mazzini (Gênova, 22 de junho de 1805 — Pisa, 10 de março de 1872) foi político e revolucionário do movimento italiano chamado Risorgimento.

Em 1830 tornou-se membro da Carbonária, uma sociedade secreta com objetivos políticos. A sua atividade revolucionária o obrigou a refugiar-se em Marselha, onde organizou um novo movimento político chamado Jovem Itália. O lema da sociedade era "Deus é o povo" e o seu objetivo era a união dos estados italianos numa única república, que seria a única condição possível de libertar o povo italiano dos invasores estrangeiros. O objetivo republicano e unitário deveria ser conseguido com uma insurreição popular. Mazzini fundou outros movimentos políticos pela libertação e unificação de outros estados europeus: a Jovem Alemanha, a Jovem Polônia e por fim a Jovem Europa.

Do exílio, Mazzini continuou a perseguir o seu objetivo, em meio à adversidade com inflexível constância. Todavia a sua importância foi mais ideológica que prática. Depois do fracasso da revolução de 1848, durante a qual Mazzini esteve à frente da breve experiência da República de Roma, os nacionalistas começaram a ver no rei de Sardenha e em Camilo Benso, Conde de Cavour, os líderes do movimento de reunificação. Isto significou separar a unificação da Itália da reforma social e política proposta por Mazzini.

Cavour foi hábil na construção de uma aliança com a França e na condução de uma série de guerras que levaram ao nascimento do estado italiano entre 1859 e 1861, mas a natureza política do novo Estado estava bem longe da república de Mazzini.

Mazzini não aceitou jamais a monarquia e continuou a lutar pela sua "doutrina simultaneamente mística e republicana, recusando aliança com o socialismo marxista". Em 1870, foi de novo preso e condenado ao exílio, mas ele retorna, com nome falso, a Pisa, onde viveu até sua morte em 1872.

Os seus escritos foram publicados pelo editor G. Daelli de Milão, em 18 volumes, dos quais 7 foram revistos por Mazzini.

Foi Nietzsche quem escreveu: "Um grande homem, na linguagem corrente, não precisa ser bom nem nobre - eu não tenho memória que a um só homem neste século tenham tido sido atribuídos esses três qualificativos, mesmo pelos seu inimigos: Mazzini."

Unificação Européia

Mazzini advogava a formação dos Estados Unidos da Europa, como consequência natural da unificação italiana. Sua idéia antecedeu em um século a formação da União Européia.

Referências Bibliográficas

CLASESHISTORIA. Factores de la unificación italiana. <http://www.claseshistoria.com/revolucionesburguesas/nacionalismoitalianofactores.htm>. Em 01/11/2009.

HAHN, F. A. Sociedade Secreta. A contribuição dos carbonários. http://www.unimeo.com.br/artigos/artigos_pdf/2006/sociedadesecreta.pdf. Em 01/11/2009.

SANT'ANA, E. Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha. <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/bentogaribaldi.pdf>. Em 01/11/2009.

DORNELLES, L. L. Risorgimento e Revolução: a inserção e recepção do ideário de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha através de Giuseppe Garibaldi, Lívio Zambecari e Luigi Rossetti. http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1211403309_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2008.pdf. Em 01/11/2009.

UOL. Revolucionário Italiano Giuseppe Garibaldi. <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u664.jhtm>. Em 01/11/2009.

WIKIPÉDIA. Giuseppe Garibaldi. http://pt.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Garibaldi. Em 01/11/2009.

WIKIPÉDIA. Giuseppe Mazzini. http://pt.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Mazzini. Em 01/11/2009.

WIKIPÉDIA. Expedição dos Mil. http://pt.wikipedia.org/wiki/Expedi%C3%A7%C3%A3o_dos_Mil. Em 01/11/2009.